
ONDE SE ESCONDIAM ELAS?
A PRESENÇA FEMININA EM *MEMÓRIAS DO CÁRCER* ¹

Elizabeth Ramos ²

Resumo: O ano de 2016 marca os 80 anos da prisão de Graciliano Ramos pelo Estado Novo, e os 62 anos de publicação de *Memórias do Cárcere*. Num momento em que assistimos a manifestações públicas de brasileiros exigindo o retorno do regime totalitário, ignorando, talvez, os horrores cometidos em situações de exceção, próprias de governos ditatoriais, escolhi passear por esta última obra memorialista, concentrando-me no papel desempenhado pela figura feminina em situações e espaços de privação de liberdade.

Palavras-chave: *Memórias do cárcere*; figuras femininas; Graciliano Ramos.

Abstract: The year of 2016 is an important date for Graciliano Ramos's history -- the 80th anniversary of his arrest by the dictatorship of "Estado Novo", and is also the 62nd anniversary of the publication of *Memórias do Cárcere* [Prison memoirs]. At a time when we are witnessing public manifestations of Brazilians demanding the return of the totalitarian regime, ignoring the horrors committed in situations of exception, which were characteristic of dictatorial governments, I chose to wander through this last memorialist work by Ramos, concentrating on the role played by female image in situations and places without freedom.

Keywords: *Memórias do cárcere*; female images; Graciliano Ramos.

1 Texto originalmente publicado no *Suplemento Literário de Minas Gerais* com o título de "Fragilidade teu nome é mulher? Panorama do universo feminino em Graciliano Ramos" (RAMOS, 2016, p. 10-13).

2 Professora e pesquisadora do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia (UFBA), onde se dedica a estudos sobre as relações entre literatura e outras artes, em especial nas obras de William Shakespeare e Graciliano Ramos. E-mail: beth_ramos49@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O ano de 2016 marca os 80 anos da prisão de Graciliano Ramos pelo Estado Novo, e os 62 anos de publicação de *Memórias do Cárcere*. Num momento em que assistimos a manifestações públicas de alguns brasileiros exigindo o retorno do regime totalitário, ignorando, talvez, os horrores cometidos em situações de exceção, próprias de governos ditatoriais, escolhi passear por esta última obra memorialista do escritor, concentrando-me no papel desempenhado pela figura feminina em situações e espaços de privação de liberdade.

Quando Graciliano foi conduzido coercitivamente de sua casa em Maceió e levado preso para Recife, em março de 1936, já havia publicado seus dois primeiros romances – *Caetés* (1933) e *São Bernardo* (1934) – e havia passado à datilógrafa, naquele mesmo dia, o manuscrito do terceiro – *Angústia*. Em janeiro de 1937, o escritor foi libertado e começou a trabalhar nos contos que, um ano depois, seriam editados sob o título *Vidas secas*, concluindo sua trajetória de romancista e firmando a permanência na nossa literatura com um estilo inconfundível e admirável de escrita, que, segundo Otto Maria Carpeaux, advém da competência ao escolher as palavras, as construções sintáticas, o ritmo dos fatos e os próprios fatos, ajeitando-os de forma a compor um lirismo amusical, sóbrio e clássico.

Em cada um dos romances, as múltiplas manifestações da miséria humana são perscrutadas em diferentes espaços ficcionais: na pequena província do interior; no latifúndio; na capital; e no sertão castigado pela seca. Em todos os lugares, a ideia de que os personagens podiam representar a humanidade.

Em meio à galeria de tipos construídos por Graciliano e inseridos nas diferentes geografias, condições e ambientes, o leitor é contemplado com uma diversidade de personagens femininas, que manifestam, em circunstâncias diversas e de modo distinto, uma característica comum: a capacidade de afetar o comportamento do homem, incapaz de se dominar inteiramente. Nos três primeiros romances a impossibilidade do amor desestrutura os protagonistas masculinos.

Em *Caetés*, Luísa, construída como mulher franca, dona de grandes olhos azuis, movimentos decididos, linda, branca e forte, com as mãos de longos dedos bons para beijos, desestrutura João Valério conduzindo-o à solidão e à melancolia do sonho de amor não realizado, mantendo-o mergulhado na mediocridade da província.

Em *São Bernardo*, o bruto Paulo Honório, latifundiário vivente num ambiente de “regime feudal” e “patriarcado bíblico” (RAMOS, 2008b, p. 63), “dono de uma inteligência safada que aluga outras inteligências canalhas” (p. 92), quer ser proprietário de tudo e de todos, inclusive da mulher Madalena, cujo suicídio o desestrutura e esfacela.

Em *Angústia*, o amor de Luís da Silva por Marina, a bela mulher de cabelos cor de fogo, move o romance. Afinal, é o ciúme que, transformado em ódio, leva o apaixonado narrador a assassinar o rival Julião Tavares, ato que deflagra a desestruturação do personagem e o ápice da angústia, ensejando o caráter circular do romance.

Em *Vidas secas*, ao contrário, em meio aos bichos e matutos do Nordeste, sinha Vitória aparece como a mulher inteligente, sensível, companheira, desempenhando papel estruturador que fortalece e dá esperança a Fabiano, estabelecendo com ele uma relação de

admiração e confiança mútuas. “Sim senhor. Que mulher!”, diz o herói, no último capítulo do romance.

Na escrita memorialista, iniciada sete anos após o lançamento do último romance, com a publicação de *Infância*, em 1945, Graciliano expõe também uma galeria de mulheres que, desta vez, de diferentes formas, afetaram a sua própria vida.

Neste seu primeiro livro de memória, mais do que *Mocinha*, *Adelaide*, *Laura*, as professoras ou a mãe, chamam-me a atenção, em particular, as filhas de seu Nuno, comerciante e fazendeiro em Viçosa que, se por um lado contribuem para cristalizar a baixa autoestima que veio marcar a trajetória de vida de Graciliano, por outro, o levaram a descobrir a tal forma de “falar pelo avesso”, de que o escritor se valeu com maestria com o uso da ironia.

Essas moças tinham o vezo de afirmar o contrário do que desejavam. Notei a singularidade quando principiaram a elogiar o meu paletó cor de macaco. Examinavam-no sérias, achavam o pano e os aviamentos de qualidade superior, o feito admirável. Envaideci-me: nunca havia reparado em tais vantagens. Mas os gabos se prolongaram, trouxeram-me desconfiança. Percebi afinal que elas zombavam, e não me susceptibilizei. Longe disso: julguei curiosa aquela maneira de falar pelo avesso, diferente das grosserias a que me habituara. Em geral me diziam com franqueza que a roupa não me assentava no corpo, sobrava nos sovacos. Os defeitos eram evidentes, e eu considerava estupidez virem indicá-los. Dissimulavam-se agora num jogo de palavras que encerrava malícia e bondade. Essa mistura de sentimentos incompatíveis assombrava-me – e pela primeira vez ri de mim mesmo. [...] Guardei a lição, conservei longos anos esse paletó. Conformado, avaliei o forro, as dobras e os pespontos das minhas ações cor de macaco. Paciência, tinham de ser assim. Ainda hoje, se fingem tolerar-me um romance, observo-lhe cuidadoso as mangas, as costuras, e vejo-o como ele é realmente: chinfrim e cor de macaco. (RAMOS, 2008a, p. 203-204).

Se na sua literatura ficcional “chinfrim e cor de macaco” Graciliano constrói personagens femininos que afetam os masculinos, estruturando-os ou desestruturando-os, e se em *Infância*, seu primeiro livro de memória, deixa marcada a influência de algumas mulheres sobre sua trajetória pessoal e literária, detenho-me agora sobre o resgate que o escritor faz da presença feminina em *Memórias do cárcere*, livro de rememoração de um universo essencialmente masculino de soldados, faxinas, capitães, companheiros.

Na recuperação da memória de um escritor receoso de cometer indiscrições exibindo pessoas que tiveram com ele convivência forçada durante quase um ano, transitam apenas cerca de 20 mulheres – por volta de 12 detidas pela repressão getulista, no Presídio Frei Caneca; algumas em visita aos maridos presos; outras que surgem na rememoração do cotidiano deixado para trás; uma alusão a Carmem Miranda, cuja voz saía de uma vitrola na Sala da Capela (RAMOS, 2008b, p. 564), e as constantes menções a Heloísa identificada apenas como “minha mulher” (saliento que, da mesma forma, Graciliano refere-se a si próprio, ao longo do livro, como “fulano”).

O exercício da memória traz à tona, de início, a figura feminina da “parenta” e a clara informação do efeito que essa mulher exerceu sobre a vida do escritor. Afinal, o leitor é levado a concluir que, a partir da denúncia dessa figura feminina anônima, deflagraram-se os horrores rememorados em *Memórias do Cárcere* e suas consequências.

Ao meio-dia uma parenta me visitou – e este caso insignificante exerceu grande influência na minha vida, talvez haja desviado o curso dela. Essa pessoa indiscreta deu-me conselhos e aludiu a crimes vários praticados por mim. Agradei e pedi que me denunciasse, caso ainda não o tivesse feito. A criatura respondeu-me com quatro pedras na mão e retirou-se. (RAMOS, 2008b, p. 23)

Ato contínuo, o escritor faz referência a d. Jeni, datilógrafa a quem o manuscrito de Angústia havia sido entregue. Relembra, ainda, com simpatia e admiração d. Irene, a calma e digna diretora de um grupo escolar vizinho, e última pessoa a visitar Graciliano antes da sua *condução coercitiva*. O gesto gentil da senhora, embora recebido com satisfação, gerou no romancista inquietação, diante do constrangimento ocasionado pela possibilidade de que viessem prendê-lo, a qualquer momento, enquanto ela estivesse em sua casa. (p. 26)

O desconforto não pôde evitar que, naquele dia 3 de março de 1936, às 19:00 horas, um oficial do exército espigado, entrasse na sala com a ordem de prisão, e fosse recebido com a ironia já tão própria do escritor: “Que demora, tenente! Desde meio-dia estou à sua espera.” (p. 27)

A partir desse instante, iniciava-se o processo de transformação que a cadeia impõe ao indivíduo e que culmina com a quebra da vontade, conforme reflete o memorialista. (p. 33)

Essa ideia de nos poderem levar para um lado ou para outro, sem explicações, é extremamente dolorosa, não conseguimos familiarizar-nos com ela. [...] Temos a impressão de que apenas desejam esmagar-nos, pulverizar-nos, suprimir o direito de nos sentarmos ou dormir se estamos cansados. Será necessária essa despersonalização? (p. 42-3)

Após duas semanas de detenção em Recife, no estranho ambiente unicamente masculino, organizado por regras incompreensíveis, Graciliano é levado para embarcar no porão do navio Manaus, cujo destino, evidentemente, não podia ser informado ao preso. No ambiente degradante, chegaram-se as primeiras figuras femininas na trajetória que ali se iniciava, em que “susceptibilidades, retalhos de moral, delicadezas, pudores se diluíam” e a educação esfrangalhava-se. (p. 111). Graciliano é apresentado a Leonila, moça branca, jovem, bonita, mulher do preso Epifânio Guilhermino, e a Maria Joana, pequena cafuza de olhos espertos. “Esta é a nossa amiga Maria Joana. Se o senhor tiver negócio com ela, pode procurá-la no camarote lá do fim.” (p. 107)

O leitor é levado a achar que Maria Joana não passa de uma prostituta, que, como num circo de horrores, fora colocada no porão fétido e imundo, para servir aos presos sexualmente. Levado ao Pavilhão dos Primários do presídio Frei Caneca, após o desembarque no Rio de Janeiro, Graciliano vê-se, mais uma vez, restrito a um espaço tomado por homens.

Mas é ali que, nos primeiros dias de detenção, ouve para seu deleite uma voz feminina. “Diabo! Havia mulheres ali! Onde se escondiam elas?” Era Beatriz Bandeira, que cantava para a Rádio Libertadora num doce sussurro, parafraseando o samba de Noel Rosa: “As granadas vêm caindo, incendiando o meu quartel”. Imediatamente, naquela voz delicada, o orvalho do original desaparecia, o bombardeio parecia suave e o incêndio no quartel, agradável. (p. 199)

Foi por intermédio do companheiro Valdemar Bessa que Graciliano tomou conhecimento de que na sala 4 encontravam-se cerca de doze mulheres, entre elas: Eneida, a cronista de olhos verdes e voz forte, dura e enérgica, que às vezes substituía Beatriz Bandeira na queda das granadas, quando o incêndio, com vigor, tomava o quartel; Elisa Berger, mulher de Harry Berger, dona dos cabelos grisalhos, levada do Pavilhão, entregue à Gestapo; a argentina Cármen Ghioldi, mulher de Rodolfo Ghioldi, presidente do PC argentino; Maria Werneck, mulher de corpo magro, ondulado, de intensa vibração; Rosa Meireles, forte e energética, de voz rija e decidida; Olga Prestes, branca e serena, também levada do Pavilhão, entregue à Gestapo; Valentina, a dona dos lábios vermelhos; Haydée Nicolussi, a loirinha loquaz; Leonila e Maria Joana, as companheiras de viagem no Manaus; Nise da Silveira que, tímida, culta, dona de grandeza moral, inteligência e bondade impressionava Graciliano com sua fisionomia triste e sorriso doce.

A partir de então, todas as manhãs, Graciliano as observava, lá embaixo, no banho de sol no pátio, quando durante uma hora, faziam em círculo, exercícios com uma bola.

Admirava-se com as discussões políticas inteiras travadas entre homens e mulheres que, como malabaristas, se seguravam às grades e se penduravam às janelas altas, abertas para o exterior. Surpreendia-se com o buraco aberto na parede que dividia o cubículo 50 da sala 4, possibilitando a Adolfo Barbosa ver sua mulher, Valentina, a moça dos lábios vermelhos. Bastava que de um dos lados viessem algumas pancadas na parede, para que se estabelecesse o bate-papo.

Mas é na lembrança de sua transferência do Pavilhão dos Primários para a Colônia Correccional da Ilha Grande, quatro meses depois de chegar ao Rio de Janeiro, que Graciliano confirma o prazer e a admiração diante da presença das corajosas companheiras, militantes, ideologicamente engajadas.

Pusemo-nos em marcha, alcançamos o vestíbulo. Deixei a fila, dei um rápido adeus ao pessoal da enfermaria. Depois virei à direita, galguei a escada, achei uma exposição de mulheres a enfeitar a grade da sala 4, umas embaixo, outras empoleiradas nas travessas. Com os pés metidos nos tamancos, podiam equilibrar-se nas barras estreitas, seguras aos varões, as saias entaladas entre as coxas. [...] Naquela arrumação de corpos, notei apenas os beiços vermelhos de Valentina, a brancura de Olga Prestes, os olhos arregalados de Nise. (RAMOS, 2008b, p. 366, grifos meus)

No terrível período na Colônia Correccional, Graciliano dividiu espaço apenas com animais machos. Vozes femininas foram ouvidas somente quando do retorno ao Rio, durante as horas em que ficou detido num corredor escuro na Polícia Central. Nas péssimas

condições físicas em que se encontrava, o preso ouvia gritos de mulheres no cárcere vizinho, uma delas bêbada, que homens tentavam sossegar com brincadeiras de mau gosto.

Doente, Graciliano foi instalado, então, na enfermaria do presídio Frei Caneca. O prazer de sentir-se só e de, aos poucos, observar a volta do apetite e o desaparecimento da fraqueza e do desânimo não eram maior do que a descoberta, certa manhã, da presença feminina de Nise da Silveira e Eneida, alojadas doentes no último cubículo da enfermaria. Como a vizinhança feminina violava as normas do presídio, o diretor veio ter com o escritor, para se explicar, fato que resulta num exemplo clássico do uso da ironia.

- Cometi uma irregularidade ontem.

- O senhor comete muitas, gracejou o Velho Graça.

- É rigorosamente proibido homens com mulheres. E eu pus essas duas moças aqui. Tive confiança em você.

- Muito obrigado.

- Vai-me fazer uma promessa.

E largou dois palavrões obscenos. Dei uma gargalhada. Em linguagem correta, ele desejava que as minhas companheiras não inspirassem nenhum desejo.

- Isso é um disparate, major. Prometo não realizar o ato. Mas não sentir desejo? O senhor é bem exigente. (2008b, p. 597-598)

A conversa terminou em risos temperados de ingênua malícia.

A chegada das amigas possibilitava horas de bate-papo e animadas partidas de *crapaud* e permitiu a descoberta de que o gosto desagradável e nauseante do café adivinha de ser adoçado por brometo: um anafrodisíaco, conforme informou a amiga Nise. Felizmente, a preocupação foi aliviada com a confirmação de que os efeitos eram meramente transitórios.

Foram as duas amigas as primeiras a comentar o novo romance publicado. Nise interrompia o *crapaud* para apontar trechos que a encantavam em *Angústia*, enquanto Eneida comentava a respeito do efeito devastador da leitura sobre seu sono.

Para a festa que se organizou em comemoração ao lançamento do romance, Heloísa Ramos contrabandeou para dentro do presídio uma garrafa de aguardente, para grande satisfação do marido, claro.

A mulher de Graciliano havia chegado ao Rio dois meses depois da prisão do escritor, significando que decorriam oito meses desde que se instalara na então Capital da República. O casal havia se visto, pela última vez, na estação de Maceió, quando o deslocavam para Recife. Na ocasião, ele se viu curvado para fora do trem, “a agitar o braço, vendo uma figura branca e imóvel decrescer até sumir-se”. (p. 35)

Passados dois meses da prisão do marido, Heloísa deixou os filhos aos cuidados de

parentes em Alagoas, e jovem e decidida iniciou, no Rio de Janeiro, “um trabalho de aranha, estendendo fios em várias direções”. Sem nunca ter visitado a capital carioca, Heloísa movimentava-se para toda parte, passando os dias em visita aos Ministérios da Guerra, da Justiça, ao Palácio do Catete, à Chefatura de Polícia. Falava com generais, deputados, mobilizava intelectuais, visitava diferentes repartições, com o objetivo de angariar a solidariedade necessária à libertação de Graciliano.

A força da mulher surpreendia o preso, que a princípio se irritara imaginando-a pobre, desarmada e fraca, desorientada nas ruas do Rio de Janeiro, chegando para lhe causar ainda mais preocupações. Afinal de contas, Graciliano achava-se inútil, incapaz de poder ajudá-la, além de se ver, inexplicavelmente, diante do desaparecimento dos desejos sexuais. “Que diabo vem fazer aqui essa mulher? Que estupidez.” Repetia.

Mas as visitas de meia hora, uma vez por semana, quebravam a monotonia da vida na cadeia e traziam as notícias. As mulheres tinham papel fundamental de agentes de ligação com o mundo exterior, até mesmo no sentido de disseminarem instruções de articulações políticas. Nas suas bolsas, vestidos e roupas íntimas desaguavam bilhetes, cartas com instruções que desapareciam estudadamente em consultórios, escadas, debaixo das portas, por suas mãos decididas e rápidas. (p. 273). Heloísa logo logo se familiarizou com as práticas do “correio clandestino”, solidarizando-se com as demais mulheres.

Foi esta mulher desconhecida e julgada insignificante pelo marido que, com o apoio de Zé Lins, trouxe Sobral Pinto para se avistar com Graciliano na cadeia e apresentar-se como seu advogado. Foi também ela que se entendeu com o editor José Olímpio para mandar buscar por correio as cópias de *Angústia*, para publicação. De suas mãos saíam as cópias de contos para Benjamin de Garay traduzir na Argentina, em troca de algum dinheiro.

Daí a força para contrabandear para dentro do presídio a garrafa de aguardente, quando da comemoração do lançamento do romance.

As primeiras visitas de Heloísa, enquanto o marido encontrava-se na enfermaria, foram frustrantes. As cadeiras juntadas, para aproximar o casal, eram logo consideradas suspeitas sob o olhar atento de um “homem de roupa zebrada”, que os observava pela frente e pelas costas.

No entanto, numa das visitas, como estivesse Graciliano excessivamente fraco e impossibilitado de ir à saleta, no dia de visita, Heloísa obteve licença para estar com ele à porta do cubículo. O guarda de plantão naquele dia, seu Bragança, calmo e risonho, com a experiência refletida em seus cabelos brancos, discreto, dirigiu-se ao casal.

- Preciso aposentar-me. Não aguento mais o trabalho.

- Cansado, seu Bragança?

- Setenta anos. E quase cego. O senhor está aí falando, e eu não enxergo nada, só vejo uma nuvem. Nem sei se a porta está aberta.

Sorriu e afastou-se.

- Obrigado, seu Bragança.

Um instante depois eu e minha mulher pela primeira vez nos sentíamos sós. Entramos no cubículo, cerramos a chapa de ferro e fomos para a cama. (p. 608)

A orientação da amiga Nise da Silveira para que o companheiro de prisão passasse a recusar o café com o brometo anafrodisíaco mostrava-se adequada. Desapareciam os pequenos desgostos infalíveis na monotonia conjugal e os atritos inesperados. Os corpos não mais se deformavam no resvalar para a velhice. O desleixo dava lugar ao cuidado e à admiração, e os véus, antes ausentes, precisavam se fazer presentes. Não mais havia dois egoísmos a conjugar-se, a ferir-se.

Heloísa condensava, naquele momento, a admiração e o prazer que Graciliano nutria pelas mulheres fortes que afetaram e concorreram para direcionar ou redirecionar sua vida como sujeito singular. Para o escritor, ao contrário da afirmação do príncipe Hamlet, fragilidade teu nome, definitivamente, não é mulher.

REFERÊNCIAS

RAMOS, Elizabeth. Fragilidade teu nome é mulher? Panorama do universo feminino em Graciliano Ramos. *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Belo Horizonte, ed. 1.365, p.10-13, março/abril 2016.

RAMOS, Graciliano. Um intervalo. In:____. *Infância*. Rio de Janeiro: Record, 2008a.

_____. *Memórias do cárcere*. Rio de Janeiro: Record, 2008b.